

**GESTÃO ESCOLAR** Formação**ATITUDE DE REDE**

Em Não Me Toque, RS, gestores e docentes estudam e se empenham pela valorização do movimento. Da esq. para a dir., a diretora Elisa, a coordenadora Karin, os professores Cláudio e Quelen, e Ana Lúcia, da Secretaria Municipal.



ANDERSON ASTOR

# Educação Física levada a sério

Conheça redes que apostaram na formação continuada para tirar as aulas da mesmice e movimentar as escolas

Texto BEATRIZ VICHESSI e MAGGI KRAUSE ■ Design PATRICK CASSIMIRO ■ Edição MAGGI KRAUSE

“Poucas vezes se discute como a Educação Física e as outras disciplinas podem contribuir entre si” – o desconforto foi expresso pela professora Cristiane Pereira Francisco, da rede municipal de Araraquara (SP), uma das ganhadoras do prêmio Educador Nota 10 de 2017, em uma visita a NOVA ESCOLA. O mesmo incômodo é sentido pela maior parte dos professores dessa área. “Com frequência, só há um professor de Educação Física na escola e ele acaba isolado nas reuniões de formação, sem ter com quem fazer trocas de informações”, complementa a docente.

Uma boa equipe gestora deveria ficar de olho para evitar esse tipo de exclusão. Assim como nas outras disciplinas, estudo e reflexão fazem parte do cotidiano da Educação Física. E a formação continuada é essencial para que o profissional tenha clareza sobre como atuar. Segundo Mário Luiz Ferrari, que participa do Grupo de Pesquisas da Educação Física Escolar (GPEF) da USP e da **Unicamp**, o parecer de 2002 sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Educação Física fez com que as faculdades passassem a formar um professor generalista, com poucos aprofundamentos. “Na escola, não é raro encontrar quem misture teorias pedagógicas, o que só enfraquece o trabalho”, ressalta o pesquisador. Ele defende que instituições e professores devem ter liberdade para escolher suas linhas

teóricas e que tenham clareza sobre qual a noção de cultura corporal, de movimento, de concepção de corpo e de conhecimento pretendem abraçar.

Algumas redes já se dedicam a esses debates. O fortalecimento do grupo de professores foi o caminho escolhido pela Secretaria Municipal de Franca (SP), há pelo menos 15 anos. As formadoras responsáveis pela Coordenação de Educação Física Escolar, Lígia Benate e Radmila Gomes, contam que houve participação ativa na montagem do referencial curricular da rede, em 2008, junto com o pedagogo do esporte Alcides Scaglia. Foi escolhida uma abordagem baseada em jogos, mais construtivista, que norteia as atividades de todas as etapas a partir da Educação Infantil. “De lá para cá, cada vez mais os professores investem na construção de habilidades sociais, intelectuais, afetivas e motoras dos alunos”, explica Lígia.

## Demandas que surgem da prática

Todos os 49 professores da rede participam de reuniões semanais de 1h40 minutos, na própria sede da secretaria de Educação, que envolvem momentos de estudo e de troca de experiências. Os temas formativos seguem um plano anual e partem das necessidades elencadas pelo grupo. Este ano, por exemplo, a avaliação dos alunos foi muito discutida. “Depois de entender mais sobre a concepção dos professores, provocamos refle-



**GESTÃO ESCOLAR** Formação**MOVIMENTO**

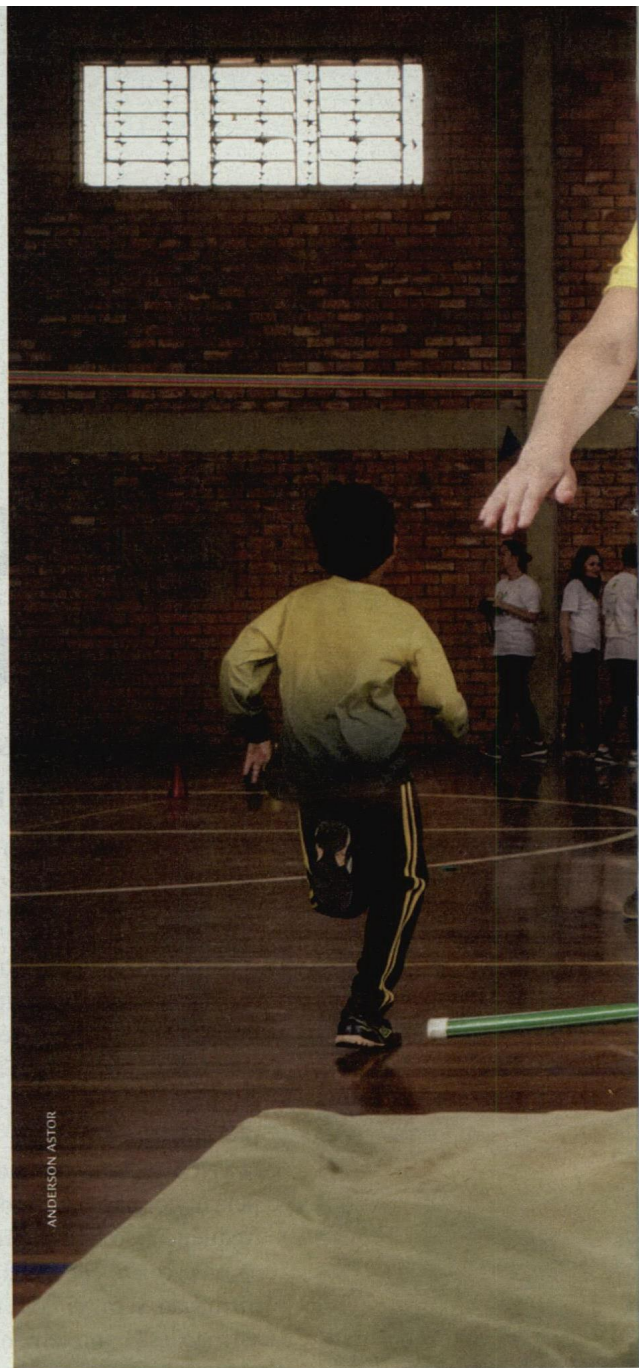
Durante o evento de conclusão de curso de formação, realizado no ginásio de Canoas (RS) e batizado de Esporte Educacional – Movimento e Diversão, o professor Cláudio conduz os alunos na brincadeira Boca de Jacaré.

xões e conversarmos sobre a importância do ato de observar”, conta Radmila. Dessa discussão com o grupo surgiu a proposta da Ficha de Registro de Observação para cada aluno, ferramenta que está sendo testada nas escolas do município. Em Franca, mesmo que o PPP seja específico para cada unidade, o planejamento da área de Educação Física fica anexado ao da escola.

Uma prática formativa que merece atenção é a observação de aula, combinada previamente com o professor. “As coordenadoras dão um feedback que nos faz analisar se poderíamos ter feito algo de outra forma. Trazem uma visão de fora e ajudam a colocar mais desafios para os alunos”, conta Carminha Braga, que há mais de 20 anos leciona na rede municipal. A professora alimenta um canal no YouTube com registros de jogos, brincadeiras folclóricas e outras criadas por ela, vídeos que às vezes são revistos nos encontros semanais.

**Levando em conta a realidade local**

Uma formação específica em Educação Física nunca tinha acontecido na rede municipal de Não Me Toque, no interior do Rio Grande do Sul. A primeira ocorreu entre julho e novembro deste ano, com encontros mensais para 30 professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental. No mesmo período, 20 gestores se reuniam por quatro horas, com foco em apoiar as práticas e transformar os espaços da escola. As formações, ministradas pelo Instituto Esporte e Educação (IEE) usaram como base o conceito de Escola Ativa, que



ANDERSON ASTOR

consta no projeto Movimento É Vida do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD). Nessa proposta, o mover-se como expressão do ser humano deve ser garantido como oportunidade em rotinas, tempos e espaços escolares (leia em [bit.ly/PNUDmovimento](http://bit.ly/PNUDmovimento)).

Durante o período de formação, gestores, docentes da área e outros da Educação Básica foram convidados a pensar no movimento fora do modelo tradicional de Educação Física. “Os professores foram estimulados a criar jogos e a usar estratégias como leitura, desenho, vídeos e ocupar espaços não convencionais para as atividades”, conta a formadora Natália Santos, do IEE.





As escolas passaram a oferecer materiais para os alunos nos intervalos e pintaram pátios e corredores para sugerir atividades e brincadeiras. Isso fez com que os estudantes se sentissem incluídos e aumentasse a participação deles também nas aulas, segundo constatou a coordenadora da secretaria municipal, Ana Lucia Pagliarini. Os professores participantes alteraram sua prática. “Hoje incentivo que as crianças se agrupem e desenvolvam estratégias, aprendi a reconhecer e respeitar as diferenças entre elas e adaptar o planejamento para que todas possam aprender”, conta Karin Beatriz Kümpel, coordenadora da EMEF Santo Antônio e professora dos anos iniciais.

Entre os ingredientes de sucesso de ambas as formações estão o respeito ao contexto e à experiência dos professores. É preciso avaliar o espaço e as situações-problema do dia a dia das instituições e estimular a reflexão constante nos profissionais envolvidos, sejam eles gestores ou professores. “Uma formação consistente costuma estabelecer conexões com a realidade escolar que busca aprimorar”, diz Fabio Luiz D’Angelo, coordenador pedagógico do IEE. Não adianta chegar com uma fórmula imposta, que vem de fora. Por isso, a melhor saída é colocar o próprio professor para decidir quais metodologias e recursos didáticos são úteis para sua turma. ■